



PROJETO ♦ FORMAÇÃO ♦ INVESTIGAÇÃO



Ficha de trabalho – 9º ano

Caracterização dos itens:

- Explicar um raciocínio dedutivo a partir de informação explícita no texto.
- Reconstituir momentos centrais da história.
- Extrair a macroestrutura semântica do texto.
- Estabelecer relações lógicas de causa e efeito, de motivo-consequência
- Inferir sentidos implícitos.
- Organizar a informação de acordo com a progressão temática do texto.
- Estabelecer relações lógicas de causa e efeito, de motivo-consequência
- Extrair a macroestrutura semântica do texto, explicitando sentidos implícitos.
- Reconstituir um texto com recurso a retomas anafóricas.

Lê silenciosamente o texto

A palavra mágica

Nunca o Silvestre tinha tido uma pega com ninguém. Se às vezes guerreava, com palavras azedas para cá e para lá, era apenas com os fundos da própria consciência. Viúvo, sem filhos, dono de umas leiras herdadas, o que mais parecia inquietá-lo era a maneira de alijar bem depressa o dinheiro das rendas. Semeava tão facilmente as economias, que ninguém via naquilo um sintoma de pena ou de justiça — mesmo da velha —, mas apenas um desejo urgente de comodidade. Dar aliviava. Pregavam-lhe que o Paulino ia logo de casa dele derretê-lo em vinho, que o Carmelo não comprava nada, livros ou cadernos ao filho, que andava na instrução primária. As moedas rolavam-lhe para dentro da algibeira e com o mesmo impulso fatal rolavam para fora, deixando-lhe, no sítio, a paz.

Ora um domingo, o Silvestre ensarilhava-se, sem querer, numa disputa colérica com o Ramos da loja. Fora o caso que ao falar-lhe, no correr da conversa, em trabalhadores e salários, Silvestre deixou cair que, no seu entender, dada a carestia da vida, o trabalho de um homem de enxada não era de forma alguma bem pago. Mas disse-o sem um desejo de discórdia, facilmente, abertamente, com a mesma fatalidade clara de quem inspira e expira. Todavia, o Ramos, ferido de espora, atacou de cabeça baixa:

— Que autoridade tem você para falar? Quem lhe encomendou o sermão?

— Homem! — clama o Silvestre, de mão pacífica no ar. — Calma aí, se faz favor. Falei por falar.

— E a dar-lhe. Burro sou eu em ligar-lhe importância. Sabe lá você o que é a vida, sabe lá nada. Não tem filhos em casa, não tem quebreiras de cabeça. Assim, também eu.

— Faço o que posso — desabafou o outro.

— E eu a ligar-lhe. Realmente você é um pobre diabo, Silvestre. Quem é parvo é quem o ouve. Você é um bom, afinal. Anda no mundo por ver andar os outros. Quem é você, Silvestre amigo? Um inócuo, no fim de contas. Um inócuo é o que você é.

Silvestre já se dispusera a ouvir tudo com resignação. Mas, à palavra “inócuo”, estranha ao seu ouvido montanhês, tremeu. E à cautela, não o codilhassem por parvo, disse:

— «Inoque» será você.

Também o Ramos não via o fundo ao significado de inócuo. Topara por acaso a palavra, num diálogo aceso de folhetim, e gostara logo dela, por aquele sabor redondo a moca grossa de ferros, cravada de puas. Dois homens que assistiam ao barulho partiram logo dali, com o vocábulo ainda quente da refrega, a comunicá-lo à freguesia:

— Chamou-lhe tudo, o patife. Só porque o pobre entendia que a jorna de um homem é fraca. Que era um paz-de-alma. E um «inoque».

— Que é isso de «inoque»?

— Coisa boa não é. Queria ele dizer na sua que o Silvestre não trabalhava, que era um lombeiro, um vadio.

Como nesse dia, que era domingo, Paulino entrara em casa com a bebedeira do seu descanso, a mulher praguejou, como estava previsto, e cobriu o homem de insultos como não estava inteiramente previsto:

— Seu bêbado ordinário. Seu «inoque» reles.

Quando a palavra caiu da boca da mulher, vinha já tinta de carrascão. E desde aí, «inoque» significou, como é de ver, vadio e bêbado.

Ora tempos depois apareceu na aldeia um sujeito de gabardina, a vender drogas para todas as moléstias dos pobres. Pedra de queimar carbúnculos, unguentos de encoirar, solda para costelas quebradas. Vendeu todo o sortido. Mas logo às primeiras experiências, as drogas falharam. Houve pois necessidade de marcar a ferro aquela roubalheira de gabardina e unhas polidas. E como o vocabulário dos pobres era curto, alguém se lembrou da palavra milagrosa do Ramos. Pelo que, «inoque» significou trampolineiro ou ladrão dos finos. Mas como havia ainda os ladrões dos “grossos”, não foi difícil meter dentro da palavra mais um veneno.

Como, porém, as desgraças e a cólera do povo pediam cada dia termos novos para se exprimirem, “inócuo” foi inchando de mais significações. Quando o Rainha deu um tiro de caçadeira, num dia de arraial, ao homem da amante, chamaram-lhe, evidentemente, «inoque», por ser um devasso e um assassino de caçadeira. Daí que fosse fácil meter também no «inoque» o assassino de faca e a croia de porta aberta.

“Inócuo” dera a volta à aldeia, secara todo o fel das discórdias, escoara todo o ódio da população. A moca grossa de ferro, seteada de puas, era agora uma arma terrível, quase desleal, que só se usava quando se tinha despejado já toda a cartucheira de insultos. Até que o Perdigão dos Cabritos entrou pela ponte norte da aldeia, com o cavalo carregado de reses, num dia de feira, e se azedou com o taberneiro, quando trocava um borrego por vinho. De olhos chamejantes, perdido, já no quente da refrega, o taberneiro atirou-lhe o verbo da maldição. Houve quem achasse desmedida a vingança do homem. Perdigão arriou:

— «Inoque» será você.

Também ele não sabia que veneno tinham despejado na palavra, mas, pelo sim pelo não, aliviou. E pela tarde, enfardelou o termo infame com as peles da matança, e abalou com ele pela ponte sul. Longos meses a palavra maldita andou por lá a descarregar o ódio das gentes. Até que um dia voltou a entrar na aldeia, não já pela ponte sul que dava para a Vila, mas pela ponte norte que levava a terras sem nome. Vinha em farrapos, na boca de um caldeireiro, mais estropiada, coberta da baba de todos os rancores e de todos os crimes. Quando deitava um pingo num caneco de folha, o caldeireiro pegou-se de razões com o freguês. O dono do caneco correu uma mão amiga pelas costas do vagabundo:

— Lá ver isso, velhinho. O combinado foram cinco tostões.

— Não me faça festas que eu não sou mulher, seu «inoque» reles.

E “inócuo” significou um nome feio para um homem. Então o ajudante, ou o que era, do caldeireiro, tentou deitar água na fogueira.

— Cale-se também você, seu «inoque» ordinário. A mim não me mata você à fome como fez a seu pai.

Porque “inócuo” também queria dizer parricida. Então o Ramos, que passava perto, tomou a palavra excomungada nas mãos e pediu ao velho que a abrisse, para ver tudo o que já lá tinha dentro. Um cheiro pútrido a fezes, a pus, a vinagre, alastrou pelo espanto de todos em redor. Com os dedos da memória, o caldeireiro foi tirando do ventre do vocábulo restos de velhos significados, maldições, ódios, desesperos. “Inócuo” era “bêbado”, “ladrão”, “incendiário”, “pederasta”, e, uma que outra vez, um desabafo ligeiro como “poça” ou “bolas”. Para o calão da gente fina, que topara a palavra na cozinha, nos trabalhos do campo, soube-se um dia que significava ainda ‘escroque’, «souteneur», e mais.

A aldeia em peso tremeu. Era possível a qualquer apanhar com o palavrão na cara e ficar coberto de peste. Eis porém que uma vez o filho do Gomes, que andava no colégio da Vila, insultado de «inoque» por um colega, numa partida de bilhar, lembrou-se à noite de ver no dicionário a fundura vernácula da ofensa. Procurou «inoque». Não vinha. Procurou «noque». Também não vinha. Furioso, buscou à toa, «quinoque», «moque», «soque». Nada. Quando a mãe o procurou, para ver se estudava, encontrou-o às marradas no dicionário. Choroso, o rapaz declarou:

— O meu «pagnon» chamou-me «inoque», mãe. Queria saber o que era. Mas não vem no dicionário.

— Não vejas! — clamou a mulher, de braços no ar. — Deixa lá! Não te importes.

— Mas que quer dizer?

— Coisas ruins, meu filho. Herege, homem sem religião e mais coisas más. Não vejas!

Começaram então a aparecer as primeiras queixas no tribunal da Vila, contra a injúria de «noque», «inoque» e, finalmente, de “inócuo”, consoante a instrução de cada um. Como a palavra estropiada era um termo bárbaro nos seus ouvidos cultos, o juiz pedia a versão da injúria em linguagem correta, sendo essa versão que instruíam os autos.

— Chamou-me «noque».

— Absolutamente. Mas que queria ele dizer na sua?

— Pois queria dizer que eu era ladrão.

E escrevia-se “ladrão”. Pelo mesmo motivo, gravava-se a ofensa, de outras vezes, nos termos de “assassino”, “devasso”, ou “bêbedo”.

Ora um dia foi o próprio Bernardino da Fábrica que moveu um processo ao guarda-livros pela injúria de «inócuo». Metida a questão nos trilhos legais, o Bernardino procurou o juiz, para ver se podia ajustar, previamente, uma bordoadada firme no agressor. Mas aí, o juiz atirou uma palmada à coxa curta, clamou:

— Homem! Agora entendo eu. «Noque» era ‘inócuo’!

E admitindo que o vocábulo contivesse um veneno insuspeito, pegou num dicionário recente, o último modelo de ortografia e significados. Então pasmou de assombro, perante o escuro mistério que carregara de pólvora o termo mais benigno da língua: “inocuo” significa apenas «que não faz dano, inofensivo”. E pôs o dicionário aberto diante da ofensa de Bernardino. O industrial carregou a luneta, e longo tempo, colérico, exigiu do livro insultos que lá não estavam.

— Nada feito — repetia o juiz. — O homem chamou-lhe, corretamente, “pessoa incapaz de fazer mal a alguém”.

— Mas há a intenção — opôs o advogado, mais tarde, quando se voltou ao assunto. — Há o sentido que toda a gente liga à palavra.

— Nada feito — insistia o juiz. — “Inócuo” é ‘inofensivo’ até nova ordem.

Então o advogado desabafou. Também ele sabia, como toda a gente culta, que “inócuo” era um pobre diabo dum termo que não fazia mal a ninguém. Sabia-o, com um saber analítico, desde as

aulas de Latim do seu Padre Mestre. Mas não ignorava também que o ódio humano nem sempre conseguia razões para se justificar. E nesse caso, qualquer palavra, mesmo inofensiva, era um pendão desfraldado no pau alto da vingança. Bernardino fora ofendido. Mas podia querer amanhã ofender e as razões serem curtas para o seu rancor. Uma palavra informe, soprada de todos os furores, seria então a melhor arma. Despir o mastro da bandeira seria desnudar-se na dureza bárbara do pau. ‘Inócuo’ era uma maravilha para a última defesa da racionalidade humana, pelos ociosos esconderijos onde podiam ocultar-se todos os rancores e maldições. “Inócuo” era um benefício social. Não havia que emendar-se a vida pelo dicionário. Havia que forçar-se o dicionário a meter a vida na pele.

— Cultive-se o “inócuo”. Salvemo-lo, para nos salvarmos.

Desgraçadamente, porém, os receios do advogado eram vãos. A vida, de facto, emendara o dicionário. Como bola de neve, “inócuo” rolara do ódio alto dos homens e longo tempo levaria a derreter o calor da compreensão e da justiça. Foi assim que o filho do Gomes, depois de ter encontrado a correspondência vernácula da injúria do «pagnon», tentou reabilitar a palavra excomungada. Esbaforido, foi com o dicionário aberto no sítio maldito, da mãe para o pai, do pai para os amigos. Mas ninguém o entendeu. «Noque» ou “inócuo” era um anátema verde de pus.

— Que importa o que dizem? — clamou o heroísmo do rapaz. — Podem chamar-me «inoque» ou “inócuo”, que não ligo. Agora sei o que quer dizer.

Dias depois, porém, um colega precisou de o insultar, e arremessou-lhe outra vez com o termo nefando. Toda a gente conhecia já a opinião do dicionário. Mas o furor era sempre mais forte do que o simples livro impresso.

Pelo que, nessa noite, o filho do Gomes não dormiu, preocupado apenas com descobrir uma maneira profícua de sovar bem o colega, para desforra integral.

Vergílio Ferreira “A palavra mágica”, in *Contos*

1. Explica o título do texto.

O título, “a palavra mágica”, refere uma palavra que, pelo seu uso, adquiriu muitos significados diferentes, conforme a intenção com que era utilizada. É por essa variedade de utilizações que “inócuo” se torna mágica, principalmente, porque passa a ter sentidos ofensivos que contrariam o seu significado no dicionário.

2. Completa a sequência de acontecimentos de acordo com o texto:

1. O Silvestre disse ao Ramos que achava baixos os salários dos trabalhadores.
2. O Ramos chamou-o de “inócuo”.
3. Dois homens ouviram a conversa.
4. Contaram aos outros a ofensa de “inócuo”.
5. A palavra nova entrou nas conversas das pessoas e ganhou sentidos cada vez mais ofensivos.
6. Um colega da escola chamou “inoque” ao filho do Gomes.
7. O filho do Gomes procurou debalde o significado de “inoque” no dicionário.
8. Apareceram várias queixas no tribunal, de ofensas com a palavra “inoque” ou “noque”
9. O juiz não percebia a palavra e trocava-a por outras como “ladrão”, “assassino”, ou bêbedo, de acordo com o caso.
10. Após a queixa do Bernardino da Fábrica, o juiz compreendeu que “inoque” significava “inócuo”.

11. O juiz começou a dizer que com essa palavra não havia ofensa alguma.

12. Um colega voltou a chamar “inócuo” ao filho do Gomes.

13. Mesmo sabendo o significado da palavra, o filho do Gomes pensava em vingar-se daquele que o ofendera.

3. Completa este texto com as palavras em falta.

(Nota que os espaços têm todos o mesmo tamanho e cada um corresponde a uma única palavra.)

Estava um casal na cozinha a discutir.

- Estou casada contigo há dez anos e estou farta! - gritava a mulher para o marido.

E, ao dizer isto, partiu um prato e continuou:

- Farta das tuas infidelidades!

E continuava a partir pratos, e, então, disse o marido:

- Querida, não te importas de fazer menos barulho? É que estão os meus amigos na sala.

- Farta dos teus malditos amigos, eu também sou uma pessoa, entendes? Uma pessoa! - repetiu ela e partiu mais pratos.

O casal amigo, ouvindo barulho, veio à cozinha, e o homem disse- lhes:

- Desculpem, sei que não nos devíamos meter.

E o outro respondeu:

- Não importa, não importa, assim já sabem como é a minha mulher! Não é verdade, querida?

Então, pegou em mais loiça, deu-a à mulher e disse-lhe:

- Va lá, parte mais coisas! - e ia- lhe dando loiça que ela ia partindo

Finalmente, a mulher do amigo do marido zangou-se:

- Desculpem! Mas não se importam de ir discutir para a vossa casa?

4. Constrói frases complexas com o conteúdo de 1 e 2. Utiliza conjunções ou conectores, de modo a exprimir corretamente as relações indicadas. Deves conjugar no tempo e modo adequados os verbos que se encontram no infinitivo.

1	2	Relações a exprimir	Frase complexa
A história começou.	Uma pessoa [empregar] uma palavra desconhecida.	Tempo	A história começou <u>quando</u> uma pessoa empregou uma palavra desconhecida.
O juiz trocou a palavra por outras.	Não [compreender] a palavra pronunciada pelos queixosos.	Tempo	O juiz trocou a palavra por outras, <u>enquanto</u> não compreendeu a palavra pronunciada pelos queixosos.
Já todos sabiam o sentido da palavra.	[continuar] a tomá-la como uma ofensa.	Oposição ou contraste	Já sabiam o sentido da palavra, <u>mas</u> continuavam a tomá-la como uma ofensa.
Pronunciavam a palavra mal.	Não sabiam ler nem escrever.	Causa	Pronunciavam a palavra mal <u>porque</u> não sabiam ler nem escrever.

1	2	Relações a exprimir	Frase complexa
Qualquer palavra ofende.	[ser] pronunciada com má intenção.	Condição	Qualquer palavra ofende <u>se</u> for pronunciada com má intenção.
Não haveria este problema,	Ninguém [empregar] palavras desconhecidas.	Condição	Não haveria este problema, <u>se</u> ninguém empregasse palavras desconhecidas.

5. No trecho que segue, também sobre discussões, faltam algumas formas verbais. Coloca-as, conforme assinalado.

- Preciso de um papão, agora, - disse a professora, - um papão que **tenha** vontade de comer o Pequeno Polegar!

Cá eu propus que o papão **fosse** o Alceste, porque **era** muito gordo e **passava** a vida a comer. Mas o Alceste não **estava** de acordo, **olhou** para o Aniano e **disse**:

- Cá eu não **como** disso!

É a primeira vez que vejo o Alceste com um ar enjoado. É certo que a ideia de comer o Aniano não é lá muito apetitosa. O Aniano **ofendeu**-se por não o **quererem** comer.

- Se não retiras o que disseste - gritou o Aniano -, vou-me queixar aos meus pais e fazer-te expulsar da escola!

- Silêncio! - gritou a professora. - Alceste, tu **vais** fazer a multidão dos aldeões e também **serás** o ponto, para ajudares os teus colegas durante a representação.

6. Eis mais um conto sobre o sentido de uma palavra. As frases estão na ordem correta. Para teres a história em boa forma, só tens de eliminar as repetições, colocar conectores para ligar melhor as frases no texto e escrever o texto com a pontuação adequada.

Podes usar as seguintes palavras ligação ou escolher outras:

consequentemente, era uma vez, quando, porque, logo que, desta maneira, assim, por fim, e, assim que, enquanto, como

O bolo refochado

- ✓ Uma mulher casada que vivia com um homem muito ruim.
- ✓ O homem batia-lhe por uma qualquer ninharia.
- ✓ Um dia, o homem foi trabalhar.
- ✓ O homem ordenou: “Logo à ceia, quero bolo refochado”.
- ✓ A mulher não sabia o que era bolo refochado.
- ✓ A mulher foi pedir ajuda à vizinha.
- ✓ A vizinha tinha pena da vida que a mulher levava.
- ✓ A vizinha explicou: “Ele devia querer dizer *bolo folhado*. Vou-te ensinar a fazê-lo”
- ✓ À noite, a mulher serviu o bolo ao marido.
- ✓ O marido zangou-se.
- ✓ O marido bateu-lhe.
- ✓ A mulher não tinha feito o que o homem pedira.
- ✓ No dia seguinte, o homem voltou a pedir a mesma coisa.
- ✓ A mulher, a chorar, foi de novo pedir ajuda à vizinha.

- ✓ A mulher e a vizinha pensaram que talvez o homem quisesse galinha guisada.
- ✓ A mulher serviu a galinha guisada ao homem.
- ✓ O homem fez nova cena de pancadaria.
- ✓ No dia seguinte, o homem voltou a pedir bolo refochado para a ceia.
- ✓ O homem saiu para o trabalho.
- ✓ A mulher foi à vizinha a chorar que não sabia o que havia de fazer da sua vida.
- ✓ A vizinha disse: “Logo à noite, antes do teu homem chegar do trabalho, vens aqui ter, vestida com o jaquetão e as calças do teu homem.”
- ✓ A mulher assim fez.
- ✓ A vizinha também estava vestida à homem.
- ✓ A vizinha explicou-lhe o que iam fazer.
- ✓ Pegaram em varapaus.
- ✓ Foram pôr-se escondidas no caminho por onde o homem regressava a casa.
- ✓ O homem apareceu.
- ✓ Saltaram as duas para cima dele e puseram-se à paulada
- ✓ As duas conversavam uma com a outra: “Bate-lhe, São Pedro”. “Porquê, São Paulo?” “Porque pede à mulher o bolo refochado.”
- ✓ As duas moeram o homem com pancada.
- ✓ As duas fugiram.
- ✓ O homem chegou a casa cheio de dores.
- ✓ Viu a mulher.
- ✓ Pediu-lhe perdão.
- ✓ Contou que se encontrara com São Pedro e São Paulo e que eles o tinham castigado por ter pedido bolo refochado, uma coisa que nem ele sabia o que era.
- ✓ Prometeu nunca mais maltratar a mulher.

Era uma vez uma mulher casada que vivia com um homem muito ruim **que** lhe batia por uma qualquer ninharia. Um dia, o homem foi trabalhar e ordenou:

- Logo à ceia, quero bolo refochado.

Como a mulher não sabia o que era bolo refochado, foi pedir ajuda à vizinha.

A vizinha, que tinha pena da vida **que** a mulher levava, explicou:

- Ele devia querer dizer “bolo folhado”. Vou-te ensinar a fazê-lo.

À noite, a mulher serviu o bolo ao marido. Este zangou-se **e** bateu-lhe **porque** ela não tinha feito o que ele pedira.

No dia seguinte, o homem voltou a pedir a mesma coisa. A mulher, a chorar, foi de novo pedir ajuda à vizinha. Pensaram que talvez o homem quisesse galinha guisada.

Quando a mulher **lhe** serviu a galinha guisada, o homem fez nova cena de pancadaria.

E, no dia seguinte, o homem voltou a pedir bolo refochado para a ceia.

Assim que o homem saiu para o trabalho, a mulher foi à vizinha a chorar que não sabia o que havia de fazer da sua vida. **Então**, a vizinha disse:

- Logo à noite, antes do teu homem chegar do trabalho, vens aqui ter vestida com o jaquetão e as calças do teu homem.

A mulher assim fez. A vizinha também estava vestida à homem **e** explicou-lhe o que iam fazer. Pegaram em varapaus **e** foram pôr-se escondidas no caminho por onde o homem regressava a casa. **Logo que** ele apareceu, saltaram as duas para cima dele à paulada, conversando uma com a outra:

- Bate-lhe, são Pedro.

- Porquê, São Paulo?

- Porque pede à mulher o bolo refochado.

Moeram o homem com pancada e fugiram. **Consequentemente**, o homem chegou a casa

-
-
-
1. O Silvestre disse ao Ramos que achava baixos os salários dos trabalhadores.
 2. O Ramos chamou-o de “inócuo”.
 3. Dois homens ouviram a conversa.
 4. Contaram aos outros a ofensa de “inócuo”.
 5. A palavra nova entrou nas conversas das pessoas e ganhou sentidos cada vez mais ofensivos.
 6. Um colega da escola chamou “inoque” ao filho do Gomes.
 7. O filho do Gomes procurou debalde o significado de “inoque” no dicionário.
 8. Apareceram várias queixas no tribunal de ofensas com a palavra “inoque” ou “noque”
 9. ,O juiz não percebia a palavra e trocava-a por outras como “ladrão”, “assassino”, ou bêbedo, de acordo com o caso.
 10. Após a queixa do Bernardino da Fábrica, o juiz compreendeu que “inoque” significava “inócuo”.
 11. O juiz começou a dizer que com essa palavra não havia ofensa alguma.
 12. Um colega voltou a chamar “inócuo” ao filho do Gomes.
 13. Mesmo sabendo o significado da palavra, o filho do Gomes pensava em vingar-se daquele que o ofendera.

